

**Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro**  
**Estudo 7 - "O chamado para uma difícil obra"**  
**Ezequiel 1 a 10**

Elaborado por Pedro Vieira Veiga  
pedrovieiraveiga@hotmail.com

Hoje iniciamos mais uma fase dos nossos estudos. Neste e nos próximos quatro domingos discutiremos o livro de Ezequiel. Faremos isto de uma forma um pouco diferente mas, espero eu, muito interessante.

De qualquer forma, espero que a memória de vocês esteja boa, já que este livro tem bastante em comum com o livro de Jeremias, que já estudamos. De fato, Ezequiel e Jeremias testemunharam os mesmos eventos da história de Israel. Como já discutimos estes eventos com bastante cuidado, vamos apenas revê-los brevemente para podermos entender de que forma Ezequiel se encaixou neles.

Os anos de esplendor de Judá terminaram com a morte do rei Josias. O reinado de Jeoaquim deixou isto muito claro. Após alguns percalços, este rei acabou optando por não pagar tributo à Babilônia e assim provocou o primeiro cerco a Jerusalém, no ano 597 a.C. Após este cerco um grupo de judeus foi levado à Babilônia. Neste grupo estava um jovem chamado Ezequiel.

Mas mesmo assim não houve paz duradoura em Judá. Zedequias, o novo rei, só permaneceu leal à Babilônia até o ano 588 a.C. Mediante a revolta, os exércitos babilônicos novamente cercaram Jerusalém. Em julho de 586 a.C. a cidade se rendeu e um mês depois foi arrasada, quando mais um grupo de judeus foi levado para o exílio.

Ezequiel recebeu sua vocação na Babilônia sete anos antes da queda de

Jerusalém e continuou profetizando até que quinze anos houvessem passado desde este evento.

Agora que já situamos Ezequiel historicamente, vamos nos dirigir a um trecho que lemos esta semana: os capítulos um a três. Estes capítulos funcionam como uma introdução ao livro e é muito importante que compreendamos eles bem. Neles encontramos uma visão que Ezequiel teve antes da destruição de Jerusalém e que foi dirigida ao primeiro grupo de exilados. Sendo assim, conheçam o Quiel.

Quiel olhou pela janela e suspirou. Toda vez que ele passava por ali era a mesma coisa: via todos aqueles edificios iguais, lembrava-se das casas da vila – tão diferentes, cada uma delas – e suspirava, triste.

É que a antiga vila não existia mais.

No dia em que o funcionário da prefeitura veio deixar as cartas, ninguém deu muita bola pra ele. As crianças nem pararam o seu jogo para olhar.

Uma meia hora depois eles finalmente começaram a se dar conta do terrível significado daquela visita. Dona Marisa leu a carta, sentou e ficou olhando para a parede. O Rui começou a esbravejar sozinho, indignado.

A cidade crescera. O número de carros também. Ninguém estava satisfeito com o novo engarrafamento. Então o prefeito encontrou a solução: uma nova rua, mais

larga, evitaria os três cruzamentos e resolveria o problema. Mas e a vila cuja extremidade estava bem no caminho dela? É... não tinha jeito, pelo menos parte dela teria de ser demolida!

“Que saudade da vila!” Quiel falou pra si mesmo, baixinho. Cada casa, cada canto, tinha a sua história. Ele crescera naquele lugar junto àquelas pessoas e nunca imaginara que um dia teria de sair dali. E agora aquela vila não existia mais. Metade dela havia sido demolida – a metade onde estivera a sua casa. Um alto muro cinza cortava-a cruelmente. O barulho dos carros, que vinha do outro lado, acabara com a tranqüilidade.

Mas já há algumas semanas algo que primeiro lhe parecera esquisito vinha-lhe à mente constantemente. Ele sentia muita falta da antiga vila – das casas, do pequeno jardim, da rua de paralelepípedos que o derrubara tantas vezes quando criança – mas mais do que dessa vila, ele sentia falta mesmo era da vila de carne e osso. Como era bom dar bom dia para a Dona Marisa e para o Luizinho quando eles passavam por sua janela todas as manhãs – ela levando-o para a escola, ele tentando não dormir em pé! Como era bom passar pela porta do Seu João e parar para ouvir uma de suas histórias...

Mas antes de concluir aquela sessão de nostalgia com mais um suspiro, Quiel teve uma idéia. Uma idéia não, uma visão! A vila de cimento e pedra ruíra, mas a de carne e osso não! Esta – que realmente importava – estava absolutamente intacta. A família do Seu João vivia no mesmo edifício que ele, dois andares abaixo. A da Dona Marisa também, só que um pouco acima. E todas as pessoas que tiveram de deixar suas casas estavam ou naquele quarteirão, ou

bem perto! Ezequiel estava resoluto: era hora de agir!

A semana seguinte foi bastante corrida para ele. Eram muitas visitas para fazer! Mas sexta-feira à noite ele pôde jogar-se no seu sofá e sorrir, satisfeito com o que conseguira. Fora ver todo aquele pessoal. Convidara todos para se reunirem no jardim do seu edifício amanhã, no sábado. Para o seu espanto, ninguém perguntou o porquê daquilo. Todos concordaram e disseram que estariam presentes.

No dia seguinte, todos estavam visivelmente contentes de estar ali. Os adultos conversavam e as crianças corriam pela grama. Mas algo não estava certo. Era como se, mesmo naquele dia de sol tão bonito, uma sombra pairasse sobre aquelas pessoas. Todos estavam felizes por rever os velhos amigos, porém aquele reencontro também trazia à tona uma dolorosa mágoa. Ali não era a vila.

Ezequiel também sentia isso. No lugar da velha mangueira, aqueles arbustos infantis. No lugar das fachadas tão particulares de cada casa, a padronização de dois edifícios idênticos. Mas Ezequiel estava feliz, e se havia uma sombra sobre ele, ela só estava ali porque ele via que os outros não estavam plenamente contentes. A questão precisava ser resolvida. Então ele juntou aquelas pessoas e disse-lhes o que ele achava.

Ezequiel falou que aquela melancolia não tinha razão de ser. Disse que ele também sentia falta da vila, disse que ele também sentira muita dor ao deixar aquele lugar para trás. Mas então falou que o mais importante para todos eles havia sobrevivido inalterado a todas aquelas mudanças. E o mais importante era a vila que estava dentro deles. Esta vila não dependia de paredes para sobreviver! Ela

só dependia da disposição deles de não se deixarem levar pelas circunstâncias e continuarem firmes na maior verdade de todas: casas, vilas e cidades vêm e vão, mas a verdadeira amizade não passará. Quem segurar firme nela jamais se verá perdido, sem rumo.

Espero que esta história tenha ajudado vocês a compreender este trecho tão importante do livro de Ezequiel. A questão é que Ezequiel viveu uma situação muito parecida com a de Quiel. Ele também tinha uma vila: Jerusalém e, mais precisamente, o Templo do Senhor. Ele também tinha amigos: o povo que viera para o exílio. Ele também sofria por estar separado daquilo que ele mais amava: o seu Deus. E, o mais importante, ele também teve uma visão. O profeta Ezequiel viu o seu Deus sobre um carro

muito complexo, mas que não deixava de ser apenas isto: um carro! O significado disto para ele foi enorme. Se Deus estava ali, na Babilônia, sobre um carro, isto queria dizer que para encontrar-se com ele, o seu povo não precisava necessariamente ir até o Templo, em Jerusalém. Deus, pelo menos em alguns casos, poderia vir até eles! Em outras palavras, o sofrimento daquele povo não precisava ser tão grande; o seu Deus ainda estava com eles!

Mas como é que o pessoal da vila recebeu as idéias de Quiel? Será que eles gostaram? Ora, deixemos o Quiel seguir com a sua vida. A nossa atenção tem que estar com Ezequiel. Domingo que vem tentaremos entender uma outra mensagem muito importante que ele foi incumbido de levar. Até lá.